

RAÇA, FUTEBOL E IDENTIDADE NACIONAL: DISPUTAS E ATUALIZAÇÕES DA MEMÓRIA EM TORNO DAS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS DE PELÉ

Nathan Pereira Barbosa¹ 

Resumo: O presente artigo consiste em um levantamento histórico das narrativas biográficas sobre o ex-jogador de futebol Edson Arantes do Nascimento (Pelé). Ao realizar um cruzamento de narrativas comparadas historicamente, foi possível detectar diferentes projetos de nação e identidade nacional mobilizados a partir da construção de sua trajetória enquanto futebolista e símbolo nacional. A análise teve como foco o debate étnico-racial fomentado por intelectuais, biógrafos e jornalistas que pensaram um “tipo nacional” inicialmente indissociável de Pelé. Visão essa que, em décadas posteriores, seria contrariada por outros intelectuais e jornalistas que seguiram caminhos opostos em suas interpretações do “mito”.

Palavras-chave: Raça. Biografia. Memória. Identidade.

RACE, FOOTBALL AND NATIONAL IDENTITY: DISPUTES AND MEMORY UPDATES IN PELÉ’S BIOGRAPHIES

Abstract: The present article consists of a historical survey of the biographical narratives about the former soccer player Edson Arantes do Nascimento (Pelé). By making a crossing of historically compared narratives, it was possible to detect different projects of the nation and national identity mobilized from the construction of his trajectory as a footballer and national symbol. The analysis focused on the ethnic-racial debate fostered by intellectuals, biographers, and journalists who thought of a "national type" initially inseparable from Pelé. A view that, in later decades, would be contradicted by other intellectuals and journalists who followed opposite paths in their interpretations of the "myth".

Keywords: Race. Biography. Memory. Identity.

RACE, FOOTBALL ET IDENTITÉ NATIONALE: CONFLITS ET MISES À JOUR DE LA MEMOIRE DANS LES BIOGRAPHIES DE PELÉ

Résumé: Cet article s’agit d’un survol historique des narratives biographiques sur le footballeur Edson Arantes do Nascimento (Pelé). À travers le croisement d’œuvres historiquement comparées, il a été possible de détecter des différents projets de nation et d’identité nationale mobilisés depuis la construction de sa trajectoire de footballeur et de symbole national. L’analyse portera le débat ethnique et racial mené par des intellectuels, des biographes et des journalistes qui pensaient à un “type national” initialement indissociable de Pelé. Plus tard, ce point de vue sera contredit par les intellectuels et les journalistes qui ont suivi des chemins opposés dans leurs interprétations du mythe.

Mots-clés: Race. Biographie. Mémoire. Identité.

¹ Graduado em História pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central - FECLESC/UECE; Mestre em História Cultural pela Universidade Estadual do Ceará - UECE - MAHIS - Mestrado Acadêmico de História; Doutorando em História Social pelo PPGHS da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ / Faculdade de Formação de Professores

RAZA, FÚTBOL E IDENTIDAD NACIONAL: DISPUTAS Y ACTUALIZACIONES DE MEMORIA EN LAS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS DE PELÉ

Resumen: Este artículo consiste en un estudio histórico de las narraciones biográficas sobre el ex jugador de fútbol Edson Arantes do Nascimento (Pelé). Al cruzar narrativas comparadas históricamente, fue posible detectar diferentes proyectos de nación y de identidad nacional, movilizadas a partir de la construcción de su trayectoria como futbolista y símbolo nacional. El análisis se centró en el debate étnico-racial fomentado por intelectuales, biógrafos y periodistas que pensaron en una “identidad nacional” que, inicialmente, era inseparable de Pelé. Este concepto sería contradicho, en décadas posteriores, por otros intelectuales y periodistas que siguieron caminos opuestos en sus interpretaciones sobre el “mito”.

Palabras-clave: Raza. Biografía. Memoria. Identidad.

Introdução

Esta breve exposição é um pequeno recorte de minha tese de doutorado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da UERJ. A pesquisa possui como eixo principal a análise da disputa de memória inerente às narrativas biográficas de Pelé, um dos brasileiros mais biografados de todos os tempos e tomado, durante muito tempo por alguns pensadores, como modelo perfeito da sociedade brasileira dita “pacificada” racialmente graças, em grande medida, à sua atuação esportiva. Saliento que entendo “narrativas biográficas” como sendo não somente obras editoriais de cunho biográfico, mas toda produção que atualiza, de alguma maneira, a biografia do ex-jogador no debate público, tais como: material jornalístico, artigos de opinião e charges.

Compreendo o conceito de “raça”, presente no título e fundamental para a pesquisa, conforme a definição traçada pelo sociólogo Edward Telles, em seu livro “Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica”. Dessa forma, usarei o termo descolado de sua superada noção biológica, e sim enquanto uma construção social fundamental para compreender as contradições históricas que envolvem as relações étnico-raciais no Brasil: “o uso do termo raça fortalece distinções sociais que não possuem qualquer valor biológico, mas a raça continua a ser imensamente importante nas interações sociológicas e, portanto, deve ser levada em conta nas análises sociológicas.” (TELLES, 2003, p. 38)

Atualmente, quando se questiona qual o papel relevante que Pelé teve no cenário de combate ao racismo no mundo, não é raro notar que as falas e análises geralmente caminham na direção de uma crítica à assim chamada omissão por parte do ex-jogador. Essas críticas são motivadas por seu histórico de não envolvimento político e até mesmo

negação do racismo, há setores dos movimentos negros que nutrem profunda antipatia para com sua pessoa, apontada não raramente como estando do lado oposto das lutas sociais. Entretanto, nem sempre seu nome esteve associado ao rol de negros que, contraditoriamente, trabalharam contra o avanço de uma consciência antirracista. No começo da década de 1960, em seu auge futebolístico e projeção nacional e internacional, foi tido por alguns pensadores e analistas como um dos grandes responsáveis por elevar a autoconfiança e orgulho do povo negro e representar, simbolicamente, a vitória coletiva da raça após anos de exclusão no futebol e nas demais esferas sociais.

Houve até quem ousasse escrever, como demonstrarei mais à frente, que Pelé havia contribuído para o fim do racismo, numa leitura sociológica que o considerava a “prova viva” da harmonia racial brasileira. Dessa forma, sua imagem oscilou entre a representação máxima da identidade nacional negra de um lado, e, do outro, o completo fracasso e incapacidade de lidar com os conflitos raciais latentes na sociedade brasileira, fato que para muitos, o desabilitaria como “símbolo antirracista”. Esse processo evidencia, portanto, mediante a gradual mudança de compreensão, uma batalha de narrativas em torno de sua memória, a qual ainda se encontra em franca disputa.

“Por causa dele haveria menos racismo”: a trajetória de Pelé enquanto projeto redentor

Apesar da dificuldade na pesquisa de material robusto da chamada Imprensa Negra na década de 1960, devido à escassez de fontes sequenciais em arquivos virtuais e, ainda, em função do posterior Golpe Militar de 64 que fez com que muitos desses materiais circulassem de forma ilegal, fato que dificultou sua preservação, foi possível, apesar disso, encontrar material que pode fornecer pistas de como Pelé era representado por esse segmento no início da década. Em 1960, por exemplo, era lançado o primeiro volume da revista Niger, periódico paulista de variedades e com caráter militante, voltada, sobretudo, para o público negro. Em texto intitulado “O Negro no Esporte”, a revista já se posicionava quanto ao simbolismo do jovem Pelé, então com 19 anos e campeão do mundo pela Seleção Brasileira em 1958:

Na prática desportiva o negro tem aproveitado suas privilegiadas qualidades físicas, aliadas à sua capacidade, para galgar os pináculos da glória no esporte e se impor perante o mundo, quebrando, destruindo o mito de inferiorização racial. [...] O celebrizado Pelé atinge nos campos europeus o máximo que um ser humano pode com a bola de futebol; é o rei do futebol. E assim, muitos

outros, nas diversas modalidades esportivas nos dão exemplos de como se pode elevar a raça com o esforço individual. (NIGER, 1960, p. 9)

É curioso constatar que no início de sua carreira de esportista, Pelé chegou a gozar de considerável prestígio entre setores de organização política dos negros. O texto o define como um grande colaborador da causa negra que estaria “destruindo” concepções racistas por meio do futebol. Alguns anos depois, ele já não seria associado à essa imagem positiva e redentora por segmentos do próprio movimento negro, pois somente o futebol não era mais suficiente, tendo em vista que passou a ser cobrado por posições políticas fora de campo. Tido como herói negro nesse momento pela revista, as representações biográficas de Pelé seriam aos poucos deslocadas para outros sentidos através de outros atores sociais que faziam eco à noção de Brasil como paraíso das raças.

Durante boa parte da década de 1960, Pelé (o preto) e Garrincha (o mestiço) foram considerados a prova mais contundente de que o Brasil miscigenado que absorve saberes, práticas e culturas a seu favor, estaria dando certo como civilização de múltiplas potencialidades adquiridas via herança cultural e racial. Como escreveu Ana Paula Silva em sua tese “Pelé e o complexo de vira-latas” (2008), o negro Pelé chegou a ser a representação de uma dita nova postura nacional que havia deixado para trás traumas e sentimentos de inferioridade quanto ao ser brasileiro: “o personagem Pelé virou símbolo da superação da ideia de que o Brasil era mal sucedido por ser uma nação negra e mestiça, dessa forma incapaz de se igualar às grandes nações europeias.” (SILVA, 2008, p. 36).

O livro “O Negro no Futebol Brasileiro” (NFB) (1964), escrito pelo jornalista Mário Filho Rodrigues (1908-1966), também se destaca como uma das primeiras obras a referenciar o jogador como um exemplo de resistência e subversão do que era imposto aos negros em termos estéticos, sociais e esportivos². O livro busca estabelecer uma leitura identitária da nação a partir da exaltação à mestiçagem. Ao manusear a obra, chama a atenção o prefácio escrito por Gilberto Freyre em 1947 (data da primeira edição) e mantido em edições futuras. Freyre exerceu grande influência intelectual sobre o que Mário Filho compreendia por identidade e cultura brasileira, pois seu livro é

² Mário Filho foi jornalista, escritor, biógrafo e irmão do também jornalista e dramaturgo Nelson Rodrigues. Além de colunista, chegou a ser, temporariamente, proprietário do “Jornal dos Sports”, primeiro periódico especializado em esportes no Brasil. Em homenagem à sua intensa atuação pela difusão do futebol, o atual estádio do Maracanã foi batizado com seu nome quando de sua inauguração em 1950.

visivelmente inspirado em “Casa Grande & Senzala” (1933). Em abordagem semelhante à que o intelectual pernambucano desenvolveu em todo conjunto de sua obra, NFB da mesma forma, traz forte ênfase positiva sobre o processo de miscigenação ocorrido no país. Dentro dessa perspectiva, Pelé aparece como a materialização absoluta do sucesso do Brasil negro e miscigenado.

Em relação à influência de Freyre na obra de Mário Filho, a socióloga Ana Paula da Silva afirma que o livro lançado no final da década de 1940 sofreu impacto das ideias culturalistas que circulavam desde a década de 1930:

O livro *O negro no futebol brasileiro* está situado nesse contexto histórico, portanto, é o retrato de uma época em que os discursos raciais eram elaborados a partir das teorias de miscigenação que tiveram como um dos seus maiores símbolos Gilberto Freyre. O argumento mais forte de Mário Filho neste livro girou em torno da ideia de que o futebol se transformou em uma representação da brasilidade quando incorporou os negros e os mestiços (SILVA, 2008, p. 72)

Antônio Jorge Soares, por sua vez, argumenta na mesma direção: “a visão de Mário Filho, como a de outros intelectuais, artistas e escritores de sua época, está condicionada pela crença em um Brasil que, em poucos anos, teria passado da escravidão para a integração racial, via mestiçagem, caldeamento, amálgama ou conciliação. (SOARES, 2001, p. 15-16).

Em texto publicado na Nota ao Leitor da segunda edição de NFB, o autor explica a razão pela qual Pelé deve ser reconhecido politicamente como um ícone negro de sua geração. Os parâmetros que Mário Filho utiliza para consagrá-lo levam em consideração a questão de como o mesmo lidava com o próprio corpo, em especial, com sua estética. O autor exalta uma espécie de orgulho que Pelé, em sua postura de homem e atleta negro, transmitiria àqueles que o viam dentro e fora de campo. Para o pensador, isso seria motivo suficiente para que a partir de seu exemplo de autoaceitação, outros negros também se sentissem orgulhosos de si mesmos. Descreve, ainda, a figura de um subversivo, de um indivíduo que não teria aceitado que padrões estéticos apagassem seus traços africanos:

Os pretos do futebol procuraram, à medida que ascendiam, ser menos pretos. Esquecendo-se de não se lembrar mesmo em alguns casos, que eram pretos. Mandando esticar os cabelos, fazendo operações plásticas, fugindo da cor. Daí a importância de Pelé, o Rei do futebol, que faz questão de ser preto. Não para afrontar ninguém, mas para exaltar a mãe, o pai, a avó, o tio, a família pobre de pretos que o preparou para a glória. Nenhum preto, no mundo, tem contribuído mais para varrer as barreiras raciais do que Pelé. Tornou-se o maior ídolo do esporte mais popular da Terra. Quem bate palmas para ele bate palmas para um

preto. Por isso Pelé não mandou esticar os cabelos: é preto como o pai, como a mãe, como a avó, como o tio, como os irmãos. Para exaltá-los, exalta o preto. (RODRIGUES FILHO, 1964)

Por mais que durante toda a década de 60 os movimentos e organizações sociais pelos direitos civis estivessem em plena ebulição nos EUA e, de lá, se espalhado para outros continentes, não havia, para Mário Filho, quem mais estivesse contribuindo de maneira eficiente para o combate à desigualdade social em todo o mundo, do que Pelé. Isso porque o autor, enquanto admirador e multiplicador das ideias de Gilberto Freyre, enxergava na celebração das raças e das misturas, e não propriamente no enfrentamento das mesmas no campo político dos discursos, a saída para o fim da discriminação racial. Daí porque sua argumentação caminha no sentido de afirmar que Pelé, em sua trajetória de pessoa negra pública, nunca “afrontou ninguém”, pois teria sempre tomado atitudes que pudessem “exaltar” primeiro a si mesmo e, depois, sua “mãe, o pai, a avó, o tio, a família pobre de pretos que o preparou para a glória”.

Em outra passagem, chega a afirmar, ainda, que foi Pelé quem tratou de concluir o trabalho de abolição que teria, segundo o autor, sido iniciado pela Princesa Isabel, pois quem quer que fosse negro e tivesse a chance de contemplar Pelé, experimentaria a liberdade, não somente por ver um semelhante em posto de glória, mas também por sentir que poderia ser quem era sem qualquer impedimento ou máscara. Afinal, ele teria tornado o fato de ser preto uma honra e não mais um peso: “Faltava alguém assim como Pelé para completar a obra da Princesa Isabel. O preto era livre, mas sentia a maldição da cor. A escravidão da cor. Donde tanto preto não querendo ser preto” (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 496). O texto afirma que o trabalho da assim chamada complementação do ato da Princesa Isabel se daria não no âmbito legal, e sim âmbito simbólico e psicológico. Para o jornalista, a não aceitação da cor devido ao contexto de exclusão e higienização racial na era pré-Pelé, ou seja, antes de 1956 (ano de sua estreia como profissional), tornavam os negros cativos, embora livres das algemas, pois não podiam assumir suas identidades sem reservas. Em outra obra, desta vez de cunho biográfico, intitulada “Viagem em torno de Pelé” (1963), Mário Filho também enfatiza o símbolo que Pelé teria se tornado no combate à mentalidade racista com base na sua relação com o próprio corpo negro: “cada brasileiro se sentia um pouco Pelé. Um brasileiro fôra escolhido para ser Pelé. [...] Era o sangue, era a raça. Era bom ser prêto para ser mais Pelé. [...] Pelé gostava de ser Prêto. [...] Por causa dele haveria menos

racismo. [...] Não mandara espichar o cabelo como outros prêtos, antes dele, que queriam ser menos pretos” (RODRIGUES FILHO, 1963, p. 347, 348).

O surgimento messiânico de Pelé no final da década de 1950 traria, assim, a redenção no campo psicológico de todos os pretos cativos de humilhações sociais e estéticas resultantes de um complexo processo histórico de exclusão. A afirmativa “Por causa dele haveria menos racismo”, embora não dê por encerrado o problema no mundo como consequência da atuação esportiva de Pelé, implica por situá-lo numa posição de conciliador e ponto de equilíbrio na resolução de conflitos raciais ainda latentes.

O texto estabelece, assim, um ideal de brasilidade, pois suas ideias dialogam claramente com o tipo nacional pensado por Nelson Rodrigues (irmão de Mário Filho), ou seja, uma identidade nacional não moldada pelo “complexo de vira-lata”, mas autoconfiante e que, ao invés de buscar suas referências somente no estrangeiro, pudesse cultivar e honrar as características nacionais próprias do Brasil, incluindo com isso o cabelo e a cor de Pelé. A explanação de Mário Filho procura estender ao máximo essa noção para que não somente os aspectos culturais de saberes e heranças culturais sejam contemplados, mas para que a raça seja um elemento sempre presente e central dentro dessa leitura de mundo. O texto não se limita apenas ao chamado impacto de Pelé sobre os negros, antes, estende sua influência também para os brancos ao afirmar que “cada brasileiro se sentia um pouco Pelé”, ressaltando, dessa forma, que cada cidadão se identificava e se enxergava, de alguma forma, como parte da nação multirracial que havia gerado o chamado “Rei” dos gramados.

Toda a exaltação à forma como o futebolista lidava com seu corpo constrói uma crítica indireta e, e, ao mesmo tempo, busca estabelecer uma relação de contraste entre o “modelo nacional” e o “antimodelo”: um jogador mestiço que fizera bastante sucesso antes de Pelé: Arthur Friedenreich.³ Na obra NFB relançada em 1964, conta Mário Filho que Friedenreich, jogador mestiço que atuou em meados da década de 1910 e durante toda a década de 1920 até se aposentar em 1935, mantinha uma relação com seus traços negros um tanto quanto inusitada. Sendo um dos primeiros ídolos não brancos do futebol brasileiro, passou a usar uma touca para esconder sua ascendência

³ Arthur Friedenreich (1892 -1969) era filho de imigrante alemão com brasileira negra. Foi a primeira grande referência da seleção nacional. Após boa atuação contra os uruguaios pela final do Campeonato Sul-Americano de 1919, quando marcou o gol da vitória, foi apelidado pela imprensa uruguaia de “El Tigre”, apelido que o acompanhou pelo restante da carreira. Além da seleção brasileira, atuou por clubes como Germânia, Mackenzie, Ypiranga, Paulistano, São Paulo da Floresta (precursor do São Paulo Futebol Clube), dentre outros. Fonte: <https://globoesporte.globo.com/futebol/times/atletico-mg/noticia/ha-50-anos-morria-friedenreich-lenda-do-futebol-que-foi-artilheiro-do-atletico-mg-por-um-dia.ghtml>

negra e assim ser melhor aceito no meio futebolístico e, por consequência, no meio social.

Para o jornalista, Pelé era diferente, pois se portava como um rei que sabe não ter nada a temer. Seguia em frente sendo ele mesmo e, dessa maneira, encorajando muitos a se inspirarem em seu exemplo. Ao ler o fragmento a seguir retirado da obra NFB (1964) e perceber o ressaltado contraste entre ambos, é possível entender o porquê dos louvores aos cabelos e à cor de Pelé:

Friedenreich, de olhos verdes, um leve tom de azeitona no rosto moreno, podia passar se não fosse o cabelo. O cabelo farto, mas duro, rebelde. Friedenreich levava, pelo menos, meia hora amansando o cabelo. Primeiro untava o cabelo de brilhantina. Depois, com o pente, puxava o cabelo para trás. O cabelo não cedendo ao pente, não se deitando na cabeça, querendo se levantar. Friedenreich tinha de puxar o pente com força, para trás, com a mão livre segurar o cabelo. Senão ele não ficava colado na cabeça, como uma carapuça. O pente, a mão, não bastavam. Era preciso amarrar a cabeça com uma toalha, fazer da toalha um turbante e enterrá-lo na cabeça. E ficar esperando que assentasse. [...] O cabelo do Arthur, bem preto, bem espichado, brilhava ao sol. Não parecia cabelo dele. Parecia mais cabelo postiço, colado na cabeça com goma arábica. [...] Não era cabelo positivo, era cabelo “não nega”. Denunciando o mulato Friedenreich. (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 54, 56.)

Para Mário Filho, Pelé teve a importância simbólica de demarcar, a partir do futebol, uma nova era social, pois haveria de influenciar não apenas a maneira como o negro seria visto pelos brancos, mas, inclusive, a própria relação do negro com o seu próprio corpo, antes de negação, vergonha e inferioridade. Agora não seria mais necessário se submeter ao humilhante ritual quase diário de esconder ou tentar alisar o próprio cabelo. Para quê alisar o cabelo se o “Rei” não o fizera? “Se Pelé era preto, podia-se ser preto” (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 497).

Em mais um trecho de seu livro NFB (1964), o autor explicita que a dita “revolução” e “abolição” simbólica provocada por Pelé não se dava no nível do discurso e do engajamento político, mas a partir de seu exemplo como futebolista e, acima de tudo, em sua exitosa penetração em espaços antes negados ao negro. Teria sido, assim, um desbravador que abrisse caminho para outros pretos que passaram de “rejeitados” para a condição de “desejados”:

Deus dera-lhe a cor. [...] Para que ele fosse mais do que um preto. Para que ele fosse ‘o Preto’. E ajudasse, pela admiração que despertava, como jogador e como homem, a quebrar barreiras raciais. Clubes de todo o Mundo sonham com um Pelé, com um preto. Querendo Pelé, sonhando com um Pelé foram se acostumando com o preto. A querer um preto, mesmo que não fosse Pelé. [...] Assim Pelé cumpria uma missão. (RODRIGUES FILHO, 1964, p. 498, 499)

O mesmo Mário Filho em sua coluna no *Jornal dos Sports*, em 1963, maravilhado ante o interesse de grandes clubes italianos pelo futebol de Pelé, escreveu que essa seria uma forte evidência da revolução extraordinária que o jogador estaria provocando no mundo, pois abria portas em um país europeu onde negros não costumavam lograr êxito. O escritor ainda afirma que o clube contava com o potencial de desconstrução racista provocado por Pelé, que em pouco tempo poderia ser o fator decisivo para o equilíbrio das tensões raciais em solo italiano:

O Santos acabara de recusar uma fortuna por Pelé. Na Itália todos estavam certos de que Pelé ia jogar pelo Internazionale de Milão. Que clube recusaria os milhões que a Internazionale estava disposto a dar? Pelé ia ser o primeiro negro a jogar na Itália. A fascinação que exercia sobre as plateias do mundo rompera as barreiras do racismo italiano. O Internazionale também contava com isso. (JORNAL DOS SPORTS, 1963, nº10.305, p. 16)

Ainda sobre esse conceito do “Pelé libertador de consciências”; na década de 60, mais precisamente no ano de 1966, a *Revista Realidade* (1966-1976) publicava reportagem intitulada “O Pelé que ninguém conhece”, assinada pelo repórter Roberto Freire. A matéria descreve detalhes do cotidiano mais íntimo do jogador, desde seus momentos de lazer ou em sua casa, até sua rotina de trabalho. Mesmo tendo esse foco, o texto de Roberto Freire deixa transparecer, em alguns momentos, a influência da intriga messiânica consagrada por Mário Filho. O fragmento a seguir fornece elementos para se chegar a essa conclusão:

Pelé é um herói da raça negra sem se dar conta disso. O amor de todos os brasileiros e o respeito dos outros povos devem estar dissolvendo boa parte dos preconceitos raciais em quem o ama e respeita. Ele afirma nunca haver sentido discriminação alguma contra si. Hoje o seu nome o protege disso. (REALIDADE, nº 8, 1966, p. 44)

Para Freire, uma das provas de que o sucesso de Pelé estaria “dissolvendo” o racismo na sociedade, estaria em seu depoimento pessoal ao afirmar que nunca se sentiu discriminado. O respeito e admiração por Pelé causaria, assim, um efeito na sensibilidade ética das pessoas que passariam, então, a humanizar os negros e não mais enxergá-los como seres exóticos. Tal processo, para o escritor, seria gradual, como uma estrutura sólida que se dissolve aos poucos. Outro aspecto a ser ressaltado no texto é que o heroísmo de Pelé se daria de forma natural e, sem que este “desse conta disso” ou fizesse esforço político para tal, ou seja, apenas o simples, mas brilhante exercício de seu trabalho de jogador profissional despertaria homens e mulheres para a realidade de

que a cor da pele não define a humanidade e a capacidade física ou intelectual de um ser humano. Importante ressaltar isso, pois como demonstrarei mais à frente, anos depois Pelé seria questionado e criticado inúmeras vezes justamente pelo que outrora fora elogiado, a saber: seu não envolvimento com bandeiras, movimentos/organizações políticas de combate ao racismo, pois possuía uma atuação restrita somente ao universo profissional do futebol, o qual ele via, assim como Roberto Freire, como ferramenta transformadora de mentalidades a partir do seu exemplo de bom atleta e bom cidadão.

No mesmo ano de 1966, outra reportagem, dessa vez da Revista do Esporte, segue o mesmo caminho das palavras de Roberto Freire em Realidade. A matéria “Quero dedicar mais tempo à minha família” busca apresentar um Pelé preocupado com a sobrecarga de compromissos pelo Santos, ao mesmo tempo em que se mostra um homem com fortes ligações familiares. Na parte final da matéria, o autor faz as seguintes considerações:

Como quase não há problema de cor no Brasil, onde negros e brancos são iguais, exceto numas poucas carreiras, Pelé não tem consciência de sua contribuição para a emancipação e o “status” do negro, embora, ela tenha sido considerável. Quando se trata de um astro, ninguém se preocupa com sua cor. No mundo inteiro meninos brancos, negros e amarelos receberam seu nome. (REVISTA DO ESPORTE, nº 387, 1966, p. 31)

O homem que fez garotos “brancos, negros e amarelos” serem batizados em sua homenagem é aqui apresentado como um grande conciliador racial, alguém capaz de unir todas as raças em torno do futebol. E, justamente por ser o futebol o principal motor dessa nova relação harmônica, é que ele, na condição de jogador, não teria percebido a revolução cultural que havia causado de forma natural. Nas palavras do autor, Pelé contribuiu para a “emancipação” do negro, em outros tempos tido como inferior e não digno de confiança. Tal situação acabou por gerar o cenário proposto pelo escritor da reportagem, um Brasil em que “quase não há problema de cor”. Essa clássica proposta tem no futebol e mais especificamente em Pelé, o ponto de equilíbrio da nação, sem os quais a chamada harmonia racial brasileira inexistiria, pois o futebol seria o instrumento pedagógico que provaria, na prática, não existirem abismos físicos e intelectuais entre brancos e negros, fato que proporcionaria, assim, uma convivência pacífica. Mas para tanto, era necessário o surgimento providencial da figura libertadora de Pelé.

Esse imaginário messiânico de exaltação ao “Pelé libertador”, fabricado por Mário Filho e reforçado por parte da imprensa, ainda continuou a perdurar como

narrativa hegemônica durante um longo tempo. Tanto que um fato interessante está no forte simbolismo de Pelé portando, em certa ocasião, a coroa de ouro que teria pertencido a Antônio Ferreira Viana (1834-1905), Bacharel em Direito, deputado pelo Rio de Janeiro (1869-1877, 1881-1889), ex-ministro da Justiça e conselheiro do Império (1888). O fato aconteceu nas dependências do estádio do Mineirão, em Belo Horizonte, pouco antes do início da partida entre Atlético Mineiro e Santos, durante as homenagens feitas ao então jogador no dia 23 de novembro de 1969, quatro dias após seu milésimo gol marcado no estádio do Maracanã. Segundo matéria da revista Placar de 1970 (8 de maio, nº 8), a coroa foi doada pelo Clube de Diretores Lojistas: “No começo deste ano, a família Sousa Lima, de Belo Horizonte, que coleciona objetos históricos, comprou-a. Depois, o Clube dos Diretores Lojistas de Minas adquiriu-a por NCr\$ 50 000.00” (PLACAR, 1970, p. 24).

Figura 1: Pelé sendo coroado no estádio Mineirão.



Fonte: Revista Placar, 08/05/1970, nº 8

A mesma matéria trata de reforçar a teatralidade e simbolismo do episódio ao narrar que o objeto havia sido colocado na cabeça de Pelé pelas mãos de três garotos pobres e maltrapilhos encontrados na rua: “três meninos pobres e descalços que estavam na entrada do Mineirão foram escolhidos para colocá-la na cabeça de Pelé, um representante da raça escrava de ontem, que Antônio Ferreira Viana ajudou a libertar” (PLACAR, 1970, p. 24). Novamente, o vulto histórico de Ferreira Viana como libertador que teria em Pelé seu novo herdeiro e continuador de sua tarefa, deu o tom tanto da performance, quanto das narrativas que tentaram descrever esse evento, como no caso da Revista Placar.

A intencionalidade dessa representação através de “três meninos pobres descalços” coroando Pelé também parece bastante significativa e digna de uma reflexão. Ao descrever esse gesto, a revista teceu a seguinte narrativa: as novas gerações de

negros “libertados” simbolicamente por Pelé estariam ali representadas naqueles três garotos descalços que, por meio daquele ato de coroação, demonstravam seu respeito, sua admiração e sua gratidão ao mais novo “abolicionista” brasileiro. Por outro lado, não se pode deixar de imaginar que houve também uma tentativa de fortalecimento e atualização da biografia de Pelé, esse, tendo nos três meninos pobres uma representação de sua “infância sofrida”, e de como o menino/homem que venceu os obstáculos da vida agora passa a ser, literalmente, coroado por seus méritos e seu esforço, mesmo em condições adversas.

A matéria ainda enfatiza ser Pelé um “representante da raça escrava de ontem, que Antônio Ferreira Viana ajudou a libertar”. Com isso, são evocadas imagens cristalizadas e estereotipadas a respeito da escravidão sempre associada aos negros, porém, para além disso, sugere ser Pelé a pessoa ideal para receber a coroa de Ferreira Viana, pois seria o “Rei” um continuador de sua missão social.

Todos esses discursos não podem ser desassociados da ideia de construção de um determinado tipo de identidade nacional. A saber, a idealização de um país que teria vencido as barreiras raciais que, no passado, tanto mancharam a história brasileira. Esse mesmo país, ferido e profundamente marcado por um passado violento e excludente, estaria sendo renovado e em processo de quitação de suas dívidas históricas graças ao significativo trabalho de Pelé, que é pensado, dentro dessa mitologia, como um herói nacional que contribuiu para eliminar barreiras. O próprio ângulo da fotografia do periódico citado, com o jogador sempre no alto, acima dos demais, sugere um homem imponente, forte e líder, afinal, o que mais faria um “Rei” senão conduzir e inspirar seus súditos e sua nação?

“Pelé foi omissa à sua raça”: a desconstrução do ícone negro

Pelé foi, como demonstrarei a seguir, alvo de intensas disputas de memória, especialmente a partir da década de 1970. Algumas narrativas chegam até mesmo a desautorizá-lo e deslegitimá-lo como um suposto colaborador das lutas raciais. A ideia de que ele teria proporcionado, através de seu exemplo de vida, um ambiente social mais acolhedor e tolerante para com os negros, também passa a ser questionada. Ou seja, narrativas diametralmente opostas àquelas cunhadas por Mário Filho e por parte de alguns setores da imprensa nos anos 60.

O final da década de 60 é marcado por grandes tensões raciais pelo mundo, em especial o questionamento de regimes segregacionistas na África do Sul e Estados

Unidos da América, lutas que acabaram influenciando outras realidades como o Brasil, onde se iniciou um princípio de discussão em torno da pauta do antirracista. Mesmo envolto em contexto pulsante, Pelé foi deixando cada vez mais evidente que nunca teve a pretensão de ser um símbolo de luta e assim estar no mesmo patamar político e de representatividade de uma causa, como o fizeram seus contemporâneos Martin Luther King Jr, Muhammad Ali ou Nelson Mandela. O silêncio de Pelé cobraria um preço: a saber, sua sistemática desconstrução enquanto “messias negro” ou “novo abolicionista brasileiro”.

Uma charge do cartunista Henfil, publicada em outubro de 1971 na edição 118 do famoso e irreverente semanário *O Pasquim*, permite mensurar um pouco do histórico de desgaste público de Pelé. Artista combativo e engajado nas lutas sociais contra a Ditadura, assim como os demais componentes do semanário, Henfil sempre se destacou por seu humor ácido e questionador. Tamanduá, personagem criado pelo cartunista, tinha como principal característica sugar o cérebro de personalidades públicas para absorver suas habilidades, todavia, Tamanduá quase sempre se arrependia ao se deparar com a “realidade” absorvida.

Pelé foi criticado por Henfil que o acusava de não abraçar as bandeiras da causa negra que explodiram na década de 1960 e começo da década de 1970, data da publicação da charge a seguir.

Figura 2: Charge de Henfil



Fonte: O Pasquim, 1971. nº 118.

“Adoro ajudar as criancinhas!” A frase de Pelé no primeiro quadrinho já soa como ironia e crítica que faz alusão ao seu discurso emocionado diante dos microfones após o milésimo gol em 1969, ocasião em que pediu para que as autoridades olhassem para as “crianças necessitadas”. O tom debochado de Henfil visibiliza sua desaprovação ao que pensa ser um discurso vazio, infantilizado e sem objetividade concreta. O fato de ter seu cérebro sugado pelo Tamanduá e em seguida enxergar “tudo branco” seria sua forma de ver o mundo. O cartunista sugere que Pelé ao não se posicionar de forma contundente contra o racismo, enxerga o mundo pelos olhos dos brancos, pelos olhos do opressor. Na medida em que acredita que seu desejo finalmente se tornou uma “realidade” física e não apenas uma questão de perspectiva, ele não esconde sua euforia e até nega sua identidade negra, afirmando orgulhosamente aos pulos e gritos seu status de branco, como se tivesse realizado um grande sonho, atitude que, em sua condição anterior de negro, não o fez.

O detalhe final do último quadrinho fecha a ácida piada de Henfil de maneira bastante dura. Enquanto Pelé salta e cantarola acreditando ser, enfim, um homem branco, o Tamanduá logo ao fundo, visivelmente enojado, cospe seu cérebro que, curiosamente, é uma bola de futebol. A partir dessa imagem, estaria explicado o motivo do distanciamento social de Pelé e seu aparente desejo de ser branco: ele só pensa em futebol e ignora todo o resto, não busca conhecimento sobre essas questões e não desenvolve sua mente e seu senso crítico. Assim, sua cabeça é preenchida pelo nada, pelo ar que dá volume à bola. Sua mente estaria tão vazia de ideias produtivas que nem mesmo o Tamanduá suportou absorver seu cérebro por muito tempo.

A mensagem da charge colide frontalmente com a narrativa épica de Mário Filho que asseverava ser Pelé um exemplo e um redentor para os negros. Isso posto, levando em consideração que os livros NFB (1964) e Viagem em torno de Pelé (1963) desenvolveram narrativas de exaltação ao negro e a respeito de uma progressiva emancipação que teria seu pico em Pelé, o que explicaria tamanho questionamento em um curto espaço de menos de dez anos, tendo em vista que a charge data do ano de 1971?

Compactuo da tese desenvolvida pela pesquisadora Ana Paula Silva que buscou explicar de que maneira Pelé atravessou as décadas chegando até os dias atuais, sendo sempre criticado pelo movimento negro e outros intelectuais. É preciso levar em consideração que ele cresceu e se estabeleceu como ídolo na segunda metade da década

de 1950. No Brasil, essas décadas foram marcadas pela busca da modernidade, do progresso, de um desenvolvimentismo. Os anos JK (1956 – 1961) e seu famoso slogan “50 anos em 5” ilustram bem essa mentalidade que visava incluir para desenvolver e modernizar. No plano esportivo, o discurso do profissionalismo, do esforço e do mérito formavam cada vez mais as mentes de novos futebolistas, dentre eles Pelé, que cresceu e se desenvolveu no futebol profissional tendo sempre esses valores como base.

Com o advento das décadas de 1970 e o impacto dos movimentos sociais negros nos EUA que acabaram inspirando organizações no Brasil, toda a noção de desenvolvimento e modernidade é questionada, bem como a ideia do esforço e do mérito profissional como forma de ascensão social dos negros. O que os movimentos sociais constatam naquele momento é que esse desenvolvimentismo não era inclusivo, antes, excluía as populações historicamente oprimidas que, por mais que se esforçassem, não iriam ascender sem ajuda de políticas públicas reparatórias e a desconstrução permanente de todo o sistema racista estrutural:

A partir da década de 1970 o desenvolvimento passou a ser atrelado ao reconhecimento das desigualdades raciais, étnicas, religiosas, entre outras. Por esta razão, o modelo que Pelé carregou ao longo de sua vida e esteve em voga nos anos 50, o que o alçou ao estrelato, não fazia mais sentido nessa década. Pelé transformou-se, dessa forma, no antímodo da nova modernidade, deixando de ser negro aos olhos desses formadores de opinião e das lideranças de movimentos sociais. (SILVA, 2008, p. 193-194)

Ocorre que Pelé não acompanhou de perto o desenvolvimento dessas novas ideias, pois permaneceu defendendo e reproduzindo valores calcados no ascetismo profissional e no esforço pessoal por si só sem levar em consideração o histórico de escravidão, desigualdade e falta de oportunidades do povo negro no Brasil. Isso fez dele uma figura que, a cada vez que emitia declarações a esse respeito, causava mal-estar e aparentava estar constantemente deslocado. Por essa razão, foi e ainda permanece sendo alvo de críticas que buscam desconstruir suas falas e cristalizá-lo, conforme afirmou Ana Paula Silva, como o antímodo do negro consciente. Na visão do sociólogo Luiz Henrique Toledo, ao atravessar as décadas alimentando o mesmo raciocínio que pouco mudava com o tempo, Pelé teria se tornado, assim como outros negros que reproduziram um discurso político semelhante:

[...] refém de um peculiar individualismo orientado numa esfera profissional que o desmobilizou ou o desarmou para o debate público sobre o racismo, certamente poderíamos dizer que sim, foi vítima do preconceito. Nesse sentido, foi vítima de uma forma histórica de preconceito incorporada ao sistema de

valores vigentes que, em alguma medida, imobilizou ou o indispos para o debate público. Mas tal atitude está longe de ser um atributo singular de Pelé. (TOLEDO, 2006, p. 12)

Toledo toca em um ponto pouco explorado no debate do antimodelo e que, no meu entendimento, é crucial para que não se resvale numa leitura maniqueísta de mundo e das questões raciais, pois entende Pelé também como uma vítima de um sistema ideológico que o cooptou de tal forma que acabou por imobilizá-lo para o debate e enfrentamento das injustiças.

A decisão de Pelé em manter distância das questões político-raciais de seu tempo e focar somente em sua carreira de jogador e empresário, continuou a cobrar seu preço durante a década de 1970 e também nas demais. A alfinetada de Henfil no semanário “O Pasquim” foi apenas o começo de novas interpretações que trariam outros contornos à sua memória construída coletivamente. Uma reportagem de 1973 da revista Manchete, intitulada “Os Blacks no embalo do Soul”, cobria as festas e aglomerações organizadas por estudantes e integrantes dos recém-criados movimentos “Blacks” da cidade do Rio Janeiro. Em sua maioria jovens, esses personagens buscavam construir suas identidades a partir da cultura de resistência negra norte-americana, adotando costumes e símbolos como cabelo black, modo de falar, de vestir, dançar e estilo musical. Ao ser entrevistado, um jovem sociólogo negro argumenta que Pelé já não era, para muitos de seus semelhantes, uma referência. Também estava distante de representar um libertador ou símbolo de luta, tendo em vista que jamais dera sua contribuição para a causa como se esperava dele:

O negro brasileiro tem dificuldades de se identificar com suas origens, ao contrário do que acontece com os italianos, os judeus, os japoneses e outros grupos étnicos brasileiros. A presença do negro na nossa história ainda é muito folclórica. Não se dá crédito aos nossos heróis negros. E nos dias de hoje, que exemplos existem a ser seguidos pela juventude negra? Pelé? Este jamais se preocupou em contribuir para a ascensão do negro.” (MANCHETE, 1973, nº 1.273, p. 115)

Um ano depois, em 1974, Pelé estaria se despedindo oficialmente do Santos e do futebol brasileiro para iniciar sua trajetória esportiva nos Estados Unidos. Em uma de suas últimas entrevistas como jogador do Santos, faz um balanço de sua vida e de sua trajetória no esporte em matéria que tem por título: “Pelé cumpriu sua despedida como um ato litúrgico: de joelhos, braços em cruz”, da revista O Cruzeiro. O jogador se mostrava especialmente chateado com as críticas que vinha sofrendo em forma de cobrança política:

Pessoas incomodam-se porque decidiram se compenetrar de que não passei de um indiferente diante do racismo. Taxaram-me de comodista. Por aí afora. Inexato. Já provei que não é exato. Mesmo assim, convém esclarecer que o racismo existe em muitas partes. Acredito que ocorra no Brasil, mas em escala infinitamente menor do que é observado nos Estados Unidos e na África do Sul. O preconceito, de cor, no Brasil, é mais social que racial. Diferente dos Estados Unidos e da África do Sul. Queriam que eu reagisse contra isso. Que desfraldasse minha bandeira de luta pelo mundo. Estou em paz com a minha consciência. Meu comportamento e minha maneira de ser são uma prova de que não me mantive inerte diante de nenhum desses fatos. (O CRUZEIRO, nº 42, 1974, p. 80)

O fato de admitir que existe racismo, ainda que com complicadas ressalvas que o comprometeram cada vez mais, não absolveu Pelé de seus críticos, que esperavam dele atitudes muito mais impactantes do que meramente a constatação vacilante do óbvio. Ao afirmar que o preconceito é fruto apenas de mazelas sociais e não de uma questão racial, Pelé busca, com isso, se eximir de responsabilidade enquanto negro mundialmente conhecido que se tornou. É como se estivesse jogando a responsabilidade do combate ao racismo para as autoridades governamentais, as quais teriam o dever de amenizar o abismo social entre ricos e pobres para que, dessa forma e conseqüentemente, o racismo pudesse ser vencido.

Pelé continuou com esse discurso em outras ocasiões em que foi confrontado por sua “omissão”. A fim de dar continuidade à análise do início desse processo de questionamento e desconstrução do mito social e racial edificado em torno de sua pessoa, analisarei a seguir um trecho da entrevista concedida pelo ex-jogador ao programa Vox Populi, da TV Cultura, no ano de 1977. A referida atração, cujo nome denuncia seu propósito, foi ao ar entre os anos de 1977 e 1986 e consistia em um programa de entrevistas em que grandes personalidades públicas da sociedade brasileira eram chamadas para responderem questionamentos de cidadãos comuns e também de jornalistas. Estes últimos, todavia, eram minoria entre aqueles que formulavam perguntas, o que prevalecia, de fato, era a “voz do povo” nas ruas de todo o país. O entrevistado era posto numa cadeira de frente para uma tela onde era possível contemplar e ouvir seus inquiridores. Grandes nomes como Caetano, Garrincha, Belchior, Lula, Elis Regina, dentre muitos outros, marcaram presença em um quadro hoje tido como clássico da televisão brasileira.

Em sua primeira temporada (1977), o Vox Populi recebeu Pelé. Muitos foram os temas tratados, todavia, gostaria de me deter no assunto que venho desenvolvendo, a saber: a sistemática e progressiva desconstrução de Pelé enquanto ícone negro. Durante

o desenrolar do programa, o tema do racismo não demorou para aparecer na pauta, tanto que foi posto em debate por duas pessoas abordadas nas ruas pelo repórter. À altura do minuto 14, um popular, homem branco, questiona Pelé:

Popular: “Você não acha que no Brasil o negro ainda precisa ter um comportamento de branco para ser aceito na sociedade? São negros de alma branca como muitas vezes definiram você?”

Pelé: “Eu acho que você tem razão em partes. Eu acho que o negro, o branco... se ele for um homem, entende? Se ele tiver o seu comportamento exemplar, ele não precisa ser ninguém porque o que a gente tem aqui no Brasil é mais um preconceito social e não racial como é nos Estados Unidos, como é na África do Sul, por exemplo. [...] Graças a Deus nós não temos isso aqui. Eu, por exemplo, fui criado em Bauru, em Minas, com branco, com preto, em Santos, na praia... a gente vê essa mistura aqui. Então o problema no Brasil, é um problema social. Eu acho que qualquer um, branco ou negro, se ele estiver bem preparado, não vai haver problema pra ele. Agora se for marginal, tanto faz ser branco ou ser negro, ele vai ter problema na sociedade.”

O questionamento do popular teve um duplo propósito: desafiar o entrevistado a fazer uma análise de conjuntura política sobre a questão do negro naquele momento e, em segundo lugar, provocá-lo associando-o àqueles que negam suas identidades e se submetem às estruturas racistas em nome de interesses outros. Pelé, no entanto, tomou outros caminhos em sua resposta. Novamente evocando valores meritocráticos em seu discurso, ele praticamente chega à conclusão de que não existe racismo no Brasil, pois o problema da desigualdade e exclusão seria uma questão mais social do que racial. Para Pelé, o conceito de racismo se aplicaria somente a situações extremas de segregação institucional como as que ocorreram em contextos como Estados Unidos e África do Sul. Tanto que, em sua concepção, a maior prova de que não existiria preconceito racial e, conseqüentemente, mazelas sociais em decorrência disso, estaria na obviedade da miscigenação brasileira, em que todas as raças supostamente conviveriam de forma pacífica. A crença no mito da democracia racial e em valores como disciplina e ascetismo profissional como soluções para as desigualdades, continuaram a moldar sua mentalidade durante muitos anos ainda. Em decorrência disso, as contestações foram cada vez mais intensas.

Em seguida, ainda no Vox Populi, uma jovem mulher negra com livros nas mãos, aparentemente uma estudante universitária, tece as seguintes considerações:

Popular: “Olha, eu acho que ele é um cara legal, só que ele fura na parte dos negros. Acho que nessa vez que ele foi pra os Estados Unidos, ele deu uma de branco, acho que ele deveria ter defendido um pouco mais o negro nos Estados Unidos, sabe? Porque ele fez muita coisa lá, mas ele não defendeu a nossa raça.”

Porque como tem aquela separação lá, acho que ele deveria ter mexido mais, ter falado, defendido, porque ele é um grande lá, mas ele tem que mostrar que os negros são grandes também. Eu acho que ele deveria defender um pouco mais a raça que ele tem, ele tem a cor negra.”

Pelé: “Bom, aí é um problema de pegar bandeira. Eu acho que se a pessoa não for radical, entende, ele pode ajudar melhor podendo entrar em qualquer lugar. Eu sempre fui da paz, eu acho que posso ajudar muito mais com paz, porque hoje eu entro em qualquer lugar. Eu fui na Cortina de Ferro, na Rússia, eu fui na China Comunista agora, eu estava nos Estados Unidos, e eu entro em qualquer lugar. E eu recebi na ONU há pouco tempo, pra essa mocinha que talvez não saiba, o título de Cidadão Mundial. Isso é uma coisa que não é qualquer um que recebe. Agora, pra receber esse título e ir nos Estados Unidos fazer o que eu fiz, eu não mudei a minha cor! Eu estava lá como negro! Quem quiser seguir o meu exemplo, quem quiser fazer ou tentar fazer o que eu faço, entende, é o que eu posso fazer. Eu procuro ser correto, honesto em tudo que eu faço. Eu acho que o que eu tenho que fazer é unir, nunca dividir. Eu não preciso pegar bandeira e dizer “não, eu sou do lado dos pretos”, aí eu vou ter problema com os brancos e não vou poder fazer nada?! Nem pelos brancos e nem pelos pretos? É o mesmo caso de política. Depois que você toma um partido, aí o outro partido sempre fica com raiva. Eu acho que o importante é a gente ter confiança naquilo que faz, acreditar na pessoa. Eu acredito em mim, entende, eu acho que o que eu venho fazendo sem tomar partido, eu tô ajudando muito mais do que se eu começar a criar problemas para os dois lados. Então, é minha maneira de ser.”

“Furar na parte dos negros” seria um sentimento de decepção para com o ídolo frente a outros negros de tão grande projeção quanto o brasileiro, e que, ao contrário, se colocavam e publicamente condenavam o racismo. À medida que a década de 60 acabava e desembocava nos anos 70, levava consigo também toda a mística que passou a envolver as figuras de Martin Luther King, Malcom X e todos os movimentos antirracistas que, naquele momento, se posicionavam no front. Tão logo esses símbolos cresciam e ganhavam importância e peso histórico ao longo da década de 1970, mais aumentaria a cobrança para que Pelé, na condição de negro mundialmente conhecido que era, se ombreasse a esses vultos e se tornasse, igualmente, um sinônimo de luta e resistência pela igualdade. Sua não correspondência às altas expectativas lançadas sobre seus ombros, acabaria por gerar sentimentos de decepção e, muitas vezes, antipatia, como se pode perceber na fala da estudante negra.

Pelé acreditava estar numa posição de neutralidade ao não tocar e condenar publicamente o racismo. Assumir uma posição era tido como um “problema”. Ora, a partir dessa atitude, o próprio Pelé rompe com a mitologia e os paradigmas raciais fincados por Mário Filho na década anterior em suas obras. Mitologia em que ele próprio era o personagem central e a grande resposta para o fim do racismo no mundo. Claramente ele passou a desejar não estar nesse lugar, pois, com o passar dos anos e o desenrolar dos acontecimentos em torno das questões raciais no mundo, sua percepção

do que seria lutar contra o racismo foi sendo resumida a palavras como “divisão” e “desunião”.

Ele se coloca não como um ícone negro para os negros, mas como uma referência dita pacífica para todas as raças. Isso porque essa noção de ícone negro na década de 1970 já estava “contaminada” em sua mente, pelos fortes e às vezes mortais e intensos embates, sejam intelectuais ou físicos em torno do problema do racismo. Para todos os efeitos, ser uma espécie de Luther King, Ali, Angela Davis ou Malcom X, soaria para ele mais como problema do que como solução. Ele não acreditava nisso. A frase final “Eu acredito em mim” diz muito do fio condutor que o guiou durante todos esses anos. Basicamente, a militância é criminalizada e uma nova ética é posta como bandeira: a não discussão dos problemas e contradições sociais sob o risco de fortalecê-las, ao passo que, por outro lado, deveria se estimular a disciplina e o caráter reto, tanto na profissão, quanto nas relações humanas do cotidiano.

A resposta de Pelé ao usar o termo “radical”, foi no sentido de deslegitimar as organizações políticas antirracistas que, segundo ele, praticariam um racismo contra brancos e acabariam por promover caos, violência e mais desunião entre as raças. Daí sua afirmação em dizer que “eu sempre fui da paz”. Pelé explica que sua militância não se daria nos mesmos moldes que os líderes negros assassinados na década de 1960. Sua estratégia seria, a partir de um discurso pacificador, ter o poder de transitar em diferentes esferas, sem “pegar bandeira” ideológica pró-negros, pois isso traria problemas com os brancos. É sabido, todavia, que no mesmo ano de 1977, Pelé se despediria de seu último clube, o New York Cosmos. Sua passagem no clube dos Estados Unidos (1975-1977) não foi meramente futebolística, envolvia uma série de contrapartidas financeiras como: novas parcerias comerciais, contratos, investidores internacionais, etc. Tomar partido na luta antirracista iria indispor Pelé com o mercado e com muitos investidores. Sua declaração de que não gostaria de ter problemas com os brancos deve ser entendida também por esse viés, e não somente como a fala de alguém que deseja se distanciar de intensos debates.

Feita essa ponderação a respeito de seu distanciamento, a maior contribuição que poderia oferecer para o combate às injustiças raciais seria apenas seu exemplo de pessoa “honesto” e “correto”, pois, segundo sua lógica, uma pessoa honesta e correta jamais discriminaria seu semelhante por causa da cor, seja ele negro ou branco.

Outra entrevista de Pelé, dessa vez à revista Manchete Esportiva, no ano de 1978, também trouxe à tona algumas tensões já presentes no ano anterior durante

programa na TV Cultura. A matéria intitulada “As últimas verdades do Rei”, apresenta um time de jornalistas encarregados de realizar perguntas espinhosas ao entrevistado. À altura da página 49, o jornalista Roberto Drummond, representante do jornal O Estado de Minas, questiona a Pelé sobre o peso de sua representatividade negra que estaria, segundo ele, sendo desperdiçada quando comparada com outros ativistas da época:

Roberto Drummond (Estado de Minas, Belo Horizonte) – Quando irá acordar um Cassius Clay dentro de você? Quando você vai participar mais do desenvolvimento dos negros, no Brasil? Até quando você vai continuar sendo um negro de alma branca?

Pelé – O Cassius Clay é racista. Sofreu a segregação e eu respeito a sua posição. Eu não tenho razões para assumir posições racistas. (MANCHETE ESPORTIVA, 1978, nº 21, p. 49)

Digno de nota ressaltar que Roberto Drummond provoca Pelé com o mesmo argumento que Henfil usou em sua charge de 1971. Diferentemente do dito popular racista que costuma elogiar pessoas negras de bom caráter com o termo “negro de alma branca”, aqui, o mesmo termo carrega outros sentidos que remetem à uma identidade negra esvaziada, de alguém indiferente à causa do racismo e que busca, a todo o momento, um estilo de vida semelhante ao das elites brancas do país. A comparação com o militante negro e pugilista norte-americano Cassius Clay (que em decorrência de sua conversão ao Islamismo, mudaria seu nome para Muhammad Ali) tem como propósito cobrar atitudes políticas radicais e firmes, da parte de Pelé, que até então sempre se mantivera discreto quanto ao assunto em questão. Ora, a comparação crítica com Ali perdurou durante as décadas seguintes, chegando em seu auge no ano de 2016, quando o ex-pugilista veio a falecer.

A resposta a Drummond logo em seguida é ainda mais interessante porque revela muito do conceito de “racismo” cultivado por Pelé, o que explicaria porque, durante tanto tempo, ele se negou a estar presente em protestos, manifestações e demais atos públicos ao lado de militantes negros. Ao afirmar categoricamente que “Cassius Clay é racista”, por isso não compartilha de seus valores, embora entenda o motivo de sua revolta contra os brancos, Pelé não só acena para a polêmica ideia de “racismo reverso”, como também desmerece e busca deslegitimar em uma só frase toda a militância negra que naquele momento tinha no pugilista norte-americano um ícone de resistência não só ao racismo, mas também à cultura da guerra nos Estados Unidos, tendo em vista que o mesmo havia se recusado veementemente a lutar no Vietnã.

O livro “Fala, Crioulo” (1982) de Haroldo Costa, traz dezenas de entrevistas com personalidades negras brasileiras, dentre elas, Pelé. Em sua fala, o ex-jogador não deixaria de expor, mais uma vez, seu raciocínio a respeito dos valores sobre os valores que acredita fortalecerem o combate ao racismo no Brasil:

Sabendo da influência que exerci nos mais jovens, sempre cuidei da disciplina, do bom exemplo, o que para muitos é apenas carece. [...] Tem muita gente que quer me ver metido em política, ou que eu vá pegar a bandeira do racismo ao contrário, porque eu sou um bom jogador de futebol ou porque eu tenho nome. O que eu me propus foi fazer bem à minha profissão. Se todos os negros, se todas as pessoas, independente da cor, procurassem fazer bem à profissão deles estariam fazendo muito pelos seus. (COSTA, 1982, p. 121-122)

Para Pelé, o ascetismo profissional tal qual praticado por ele, seria a saída para os conflitos raciais e, mais ainda, para o combate às desigualdades e injustiças. Nesse sentido, quem escolhe militar por outras vias como a política e o movimento negro (chamado por ele de “bandeira do racismo”), faz, em sua opinião, um desserviço à causa da igualdade, pois como ele mesmo define, o discurso antirracista criminaliza o branco injustamente, atiza o ódio entre as raças e possibilita o surgimento do que chama de “racismo ao contrário”. Outro motivo para não se envolver nessas questões é que, sendo um “exemplo para os mais jovens” e tendo a disciplina como valor máximo, se achar “metido em política” (ou seja, assumir uma voz ativa antirracista) acabaria, na sua percepção, por destruir o legado ético e moral que havia construído.

Também é importante lembrar em qual contexto sua fala foi produzida. Como alguém que viveu o auge profissional durante toda a Ditadura e que sempre procurou ser discreto politicamente, Pelé acabou absorvendo valores conservadores que associavam à negatividade toda sorte de protestos de rua ou discursos contra as estruturas sociais. Talvez por isso seu depoimento em 1982, ainda que durante uma Ditadura fragilizada e em gradual sublimação, evidencie sua percepção e sua autoproteção ao risco que seria “manchar” sua imagem ao se envolver com bandeiras sociais tão combativas. De toda forma, ao tentar não prejudicar sua imagem, não foi capaz de escapar às críticas que sempre o acusaram de omissão.

A partir dessa acentuada mudança histórica da percepção sobre o que Pelé teria representado em termos raciais, analisarei a seguir algumas falas veiculadas na chamada grande imprensa, através, principalmente, de artigos de opinião que buscaram deslegitimar Pelé como ícone inspirador para uma resistência negra. Meu objetivo será analisar em que medida e de que maneira tem se dado esse redirecionamento da

percepção da figura de Pelé enquanto símbolo racial e enquanto parte agora fragilizada das narrativas raciais que se pretendem definidoras da identidade nacional.

No ano de 2014, o então goleiro do Santos, Aranha, sofreu agressão racista durante partida entre Santos e Grêmio, em Porto Alegre. Procurado pela imprensa para comentar o caso, Pelé não condenou diretamente o ato, antes, criticou Aranha que, por ter feito denúncia formal, estaria dando visibilidade a uma atitude condenável. Em meio às narrativas produzidas a respeito, chama atenção a matéria do portal Vice Brasil. O articulista negro Peú Araújo assina o artigo “Racismo no Futebol: Aranha fez mais pelo Negro no Esporte do que Pelé e Anderson Silva Juntos”. Aqui, Peú além de analisar o ato político de Aranha, traça um paralelo entre sua trajetória e a trajetória de dois ídolos negros que, segundo ele, não teriam usado seu prestígio e influência para campanhas antirracistas. Ao contrário de Aranha que, sem o glamour e o reconhecimento mundial de ambos, teria deixado uma contribuição historicamente marcante no enfrentamento do racismo no esporte:

[...] se no dia 19 de novembro, data do seu gol número mil, Pelé tivesse erguido o punho para falar no negro do Brasil, talvez hoje outros atletas não passassem por constrangimentos desse tipo. Pelé foi omissos à sua raça. Em sua trajetória, exibe retratos ao lado de Nelson Mandela e Muhammad Ali, mas seu discurso e alienação são comparáveis às esquivas de Anderson Silva sobre o mesmo tema. Dois ídolos negros, dois homens que repercutem seus dizeres pelo mundo todo preferem se calar diante do racismo. [...] Aranha colocou o tema nas conversas de boteco, nas salas das casas brancas, negras, pardas, mulatas e mamelucas do país. Colocou o racismo em debate.

Peú de Araújo acredita que o discurso de Pelé após o gol 1000, ocasião em que pediu mais atenção para com as crianças pobres, era vazio e não tocava no problema central. Para o autor, o protesto válido naquele momento em que as atenções do mundo inteiro estavam voltadas para Pelé, seria uma denúncia contundente do racismo impregnado há séculos na sociedade brasileira e que, conseqüentemente, acabou por invadir o esporte e corromper as relações humanas. Nesse sentido, falar nas “criancinhas” teria sido um ato clichê e uma omissão frutos de seu “discurso alienado” que, tal como o lutador Anderson Silva, sempre se “esquivou” do tema. A citação dos nomes de Nelson Mandela e Muhammad Ali visa ressaltar o contraste e acentuar um abismo ideológico e humanista entre esses últimos e o brasileiro, tido pelo autor como alienado, covarde, aproveitador e ignorante político.

Alguns veículos de comunicação como o portal UOL, por exemplo, também trataram de explorar contrastes e colocar em perspectiva duas posições antagônicas: o

ativismo versus a apatia. Para tanto, matérias com os ex-jogadores Paulo César Caju e Lilian Thuram deram o tom da crítica. Paulo César Lima (1949), conhecido no meio futebolístico como Paulo César Caju, foi um jogador negro de grande projeção entre o final da década de 1960 e toda a década de 1970. Além de suas habilidades esportivas, acabou conhecido por seu temperamento forte e posicionamento político crítico em relação ao racismo. Em entrevista concedida em abril de 2014 ao jornalista Pedro Ivo Almeida, do portal UOL, intitulada “Paulo Cesar Caju diz que Pelé também tem culpa por racismo no futebol”, o ex-jogador evoca, assim como outros fizeram, a imagem de Muhammad Ali e líderes negros do passado de semelhante reputação mundial:

As grandes entidades precisam se posicionar e não fazem. E o que dizer do maior jogador do mundo? Ele é lamentável neste caso, não se posiciona. É um absurdo. O cara é o atleta do século, a figura mais popular do mundo e não usa isso para brigar por causas justas. E sempre que abre a boca para se pronunciar não fala nada correto. [...] Se o Pelé tivesse um pouco de noção ou sensibilidade, faria uma revolução neste caso [racismo]. Ele tem mais repercussão que líderes políticos e religiosos. Mas não, prefere ficar falando besteira. E, na boa, nem quero mais falar dele. Não vale. Temos que falar de Muhammad Ali, Martin Luther King, Nelson Mandela... Estes, sim, foram grandes líderes que aproveitaram o espaço que tinham para brigar pelos negros.⁴

Quase que na mesma tonalidade de Paulo César, porém, com um pouco mais de cautela nas palavras, o ex-zagueiro da seleção francesa e militante antirracista, Ruddy Lilian Thuram-Ulien (1972), também criticou o comportamento de Pelé, tanto na condição de jogador, como de ex-jogador. A fala em questão foi reproduzida pelo portal UOL em matéria publicada no dia 05/03/2018 e tem por título: “Thurram critica Pelé por ‘egoísmo’ e omissão no combate ao racismo”:

A verdade é que Pelé jamais se posicionou. Ele jamais se posicionou sobre a problemática do racismo no Brasil. E, portanto, ele é alguém que poderia ter feito avançar as coisas. Mas, para se posicionar e melhorar as coisas, eu acho que é preciso gostar das pessoas. [...] Eu não conheço Pelé, mas eu acho que é preciso superar um certo egoísmo. E pode ser que Pelé não tenha essa grandeza da alma, porque, efetivamente, se você vir a imagem que ele tem no mundo, eu acho que ele deveria ter feito outras coisas.⁵

O ponto em que Caju e Thurram tocam e que norteiam suas argumentações é “o que Pelé podia ter feito e poderia estar fazendo, mas não fez e continua a não fazer”. A

⁴ Entrevista com Paulo Cesar Caju. 10/04/2014.

Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2014/04/10/paulo-c-caju-diz-que-pele-tambem-tem-culpa-por-racismo-no-futebol.htm>. Acesso em: 05/03/2020.

⁵ Entrevista com Ruddy Lilian Thuram-Ulien. Disponível em:

<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2018/03/05/thuram-critica-pele-por-egoismo-e-omissao-no-combate-ao-racismo.htm>. Acesso em: 06/03/2020.

permanente cobrança para que Pelé se assumisse um líder político foi sempre uma constante, especialmente a partir do distanciamento histórico das décadas de 1960 e 1970, quando Ali, Malcolm X, Luther King e outros se tornaram símbolos eternizados pelo martírio e pela atuação. Esses embates de memória ilustram a maneira pela qual os sujeitos projetam em biografias de homens públicos, os modelos de identidade nacional, seja para reforçá-los a partir da trajetória, seja para negá-los tendo como ponto de partida a mesma biografia.

Considerações finais

Por fim, é necessário pontuar que as disputas de memória em torno da questão racial que, hora definem Pelé como “Rei”, ora como “Réu”, são, no fim das contas, construções narrativas antagônicas de identidades nacionais: o primeiro modelo de inspiração freyriana tentava provar a ideia de “harmonia racial” a partir da afirmação do fim do racismo no Brasil com o advindo e popularidade de Pelé, enquanto o segundo modelo buscou deslegitimar o primeiro, a partir de questionamentos que colocavam em xeque a efetividade de Pelé no combate real ao racismo.

É oportuno reforçar ainda que esse embate de perspectivas não se perdeu no tempo, pois continua em voga a partir de novos atores sociais que se dispõem a debater o papel da biografia de Pelé na construção de um imaginário nacional. Sendo assim, a construção do que chamei de “Messias Negro” não foi um processo que teve seu fim na década de 70 com o advento de novas sensibilidades e com a disseminação da pauta antirracista. Ao contrário, o que houve foi sua sistemática desconstrução e quebra de hegemonia, nunca seu completo desaparecimento. É possível observar ao longo das décadas seguintes e até mesmo no século XXI, o surgimento de novas narrativas que beberam na mitologia consagrada por Mário Filho e que a atualizaram com novos elementos simbólicos, mobilizando, dessa maneira, novas identidades nacionais. É o caso, por exemplo, de livros comemorativos, cinebiografias e documentários, museus, memoriais, letras de samba-enredo, dentre outras narrativas de cunho biográfico que, por conta dos limites do presente artigo, não puderam ser analisadas.

Finalmente, a disputa em torno dessa memória é um fenômeno que parece distante de seu fim. Para além de mobilizar questões pessoais de Pelé, tais discursos tocam em questões sensíveis de âmbito nacional que interferem, de uma forma ou de outra, em diferentes interpretações da história do Brasil.

Referências

Fontes

Livros:

COSTA, Haroldo. *Fala, Crioulo*. Rio de Janeiro: Record, 1982.

FILHO, Mário Leite Rodrigues. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Petrópolis: Editora Fumo, 1994.

_____. *Viagem em torno de Pelé*. Editora do autor, 1963.

Material Jornalístico:

Revista Niger. Julho de 1960.

Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=845159&pasta=ano%20196&pesq=Pel%C3%A9%20negro>

Jornal dos Sports. 20/01/1963.

Disponível

em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=112518_03&pasta=ano%20196&pesq=%20O%20Santos%20acabara%20de%20recusar%22

Revista Realidade. 11/1966. Número 08.

Disponível

em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=213659&pesq=Edson%20Arantes%20do%20Nascimento%20negros>

Revista do Esporte. 1966. Nº 387.

Disponível

em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=144118&PagFis=18042&Pesq=Pel%C3%A9%20negro%20negros>

Revista Placar. 05/1970. Nº 08.

Disponível

em:

https://books.google.com.br/books?id=0qvn6jiJ2VwC&pg=PA24&lpg=PA24&dq=Pel%C3%A9+coroa+ouro+ant%C3%B4nio+ferreira+viana&source=bl&ots=5Uz70ID0Zz&sig=ACfU3U2sYltUwiKJWpxQKm8PJrcZbFAisg&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwi69YKTp_zlAhWIpfKHYR7BWIQ6AEwAXoEAsQAQ#v=onepage&q=Pel%C3%A9%20coroa%20ouro%20ant%C3%B4nio%20ferreira%20viana&f=false

Revista Manchete. 14/03/1970. Nº 934.

Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=004120&pasta=ano%20197&pesq=Pel%C3%A9%20negro%20negros>

Revista O Cruzeiro. 16/10/1974. N° 42.

Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003581&PagFis=194102&Pesq=Pel%c3%a9%20racismo>

Entrevista de Pelé ao programa Vox Populi: www.youtube.com/watch?v=TbZ3j-Wpcms

Matéria Vice Brasil. 22/09/2014. Disponível em: Disponível em: https://www.vice.com/pt_br/article/d7gxjj/racismo-no-futebol-aranha-fez-mais-pelo-negro-no-esporte-do-que-pele-e-anderson-silva-juntos

Entrevista com Paulo Cezar Caju. 10/04/2014. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2014/04/10/paulo-c-caju-diz-que-pele-tambem-tem-culpa-por-racismo-no-futebol.htm>

Entrevista com Ruddy Lilian Thuram-Ulien. Disponível em:

<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2018/03/05/thuram-critica-pele-por-egoismo-e-omissao-no-combate-ao-racismo.htm>

Bibliografia:

DA SILVA, Wilton Carlos Lima. *Biografias: construção e reconstrução da memória*. In: *Fronteiras*. Dourados, MS, v. 11, n. 20, p. 151-166.

FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo De Freitas. O futebol como objeto de estudo das ciências sociais: a urgência de novas abordagens. *Efdeportes - Revista Digital*, Buenos Aires, Año 10, n. 94, marzo de 2006.

HELAL, Ronaldo (org.). *Mídia, Raça e idolatria*. A invenção do país do futebol. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

SILVA, Ana Paula. *Pelé e o complexo de vira-latas: discursos sobre raça e modernidade no Brasil*. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, 2008.

SOARES, Antônio Jorge. História e invenção de tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol*. Mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

TELLES, Edward. *Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica*, Rio de Janeiro, Relume Dumará-Fundação Ford, 2003.

Artigo recebido em 10 de março de 2020. Aprovado em 20 de maio de 2020.